

Jornal da Tarde

15/7/1986

A batalha de Leme

A GREVE CONTINUA

Os bóias-frias de Leme decidiram continuar o movimento. E os deputados do PT deixam a região.

A partir de hoje, os bóias-frias de Leme não têm mais a "assessoria" dos deputados petistas Djalma Bom, José Genoíno Neto e Anísio Batista. Os três parlamentares comunicaram a decisão de abandonar a cidade, durante a assembléia de ontem à noite, reunindo três mil trabalhadores, que decidiu pela continuidade da greve, que entra hoje em seu décimo quinto dia.

Os deputados do Partido dos Trabalhadores garantiram porém, que retornarão a Leme, se tiverem conhecimento de qualquer notícia sobre a presença de batalhões de choque da Polícia Militar que, já no domingo à noite, deixaram a cidade por solicitação do prefeito, Orlando Leme Franco. A diminuição do efetivo policial na cidade era uma necessidade, segundo o prefeito, "porque a população ainda via nos soldados os sinais da violência de sexta-feira".

Durante a assembléia, realizada no ginásio municipal de esportes, á presidente do Sindicato dos Trabalhadores de Araras e Região, Norival Guadaghin, conclamou os bóias-frias a voltarem ao trabalho, mas não teve sucesso ainda que apresentasse argumentos como a mesa-redonda que poderá acontecer hoje, entre sindicalistas e usineiros, com mediação da secretária de Relações do Trabalho do Estado, Alda Marco Antônio. Os bóias-frias ainda estão descontentes com os valores pagos pelos usineiros, e ontem deixaram bem claro que é muito pouco receber de Cz\$ 50,00 a Cz\$ 60,00 pela jornada de 11 horas cortando cana. E alegam que os patrões ainda não estão cumprindo os termos do acordo trabalhista de 1985, confirmado em 25 de junho último.

Os trabalhadores rurais de Leme voltam a se reunir em assembléia às 10 horas de hoje, mas desta vez, no estádio municipal e sem a presença de parlamentares petistas.

Volta à rotina

Passado o impacto dos acontecimentos de sexta-feira, quando um choque entre bóias-frias em greve e policiais da PM provocou a morte de duas pessoas, a população de Leme começa a retomar sua rotina tranquila, mas agora com a certeza de que se não fosse a presença de deputados do PT na cidade, desde a terça-feira anterior à tragédia, a greve já poderia ter acabado, sem derramamento de sangue. Esta é a opinião do presidente da Câmara Municipal de Leme, Waldir José Baccarini, que é taxativo ao condenar a participação dos petistas nos piquetes e outras manifestações de trabalhadores.

A idéia é reforçada pelo assessor Jurídico da Prefeitura, Enfim Teodoro, que confirma a presença de Djalma Bom e José Genoíno Neto nos piquetes, segundo ele, "presenças aprovadas nas assembléas dos bóias-frias". Outros setores admitem, ainda, que a situação de greve em Leme deflagrada no dia 30 estava sob controle do Sindicato dos Trabalhadores Rurais de Araras, e conduzida, até a última terça-feira, de forma a lutar pelas reivindicações dos trabalhadores de forma organizada sem violência. Conforme essas mesmas fontes, que preferem não ser identificadas, temendo represálias, "o quadro começou a mudar depois que os petistas e os ônibus de metalúrgicos do ABC começaram a invadir a cidade".

Pouco trabalho

A proposta de "greve branca" aprovada por três mil bóias-frias em assembléia no domingo à tarde acabou sendo alterada na noite desse mesmo dia, por uma comissão de trabalhadores preocupada com possíveis incidentes no campo. Assim, poucos foram os trabalhadores que se dirigiram para as plantações. Estimativas mais otimistas falam em 30% de bóias-frias comparecendo nos canaviais e, desse contingente, poucos foram os que realmente trabalharam.

Com essa decisão, o clima foi de muita tranquilidade em toda a cidade. O único movimento de agitação aconteceu após o almoço, quando foi iniciada a distribuição de gêneros alimentícios às famílias de lavradores. Entre 14 e 18 horas foram entregues 700 sacolas, contendo, cada uma, 5 kg de arroz, 1 kg de feijão, 1 kg de sal, 1 kg de macarrão e uma lata de óleo, muito bem recebidas por todas as famílias que, sem pagamento no sábado, não puderam fazer suas compras semanais.

Parte desses alimentos foi arrecadada na periferia da própria cidade e outra parte foi destinada pelo governo do Estado. No início da distribuição, todos procuraram tirar proveito. Os deputados do PT se postaram junto à fila e a primeira dama do Estado, dona Lucy Montoro, também esteve no local, depois de visitar as famílias de Cybele Aparecida Manoel e Orlando Correia, baleados na sexta-feira. Ainda ontem, procuradores do Estado também visitaram essas famílias, iniciando o recolhimento de informações para abertura de ação de reparação de danos contra o Estado. Através desse meio, segundo a procuradora Márcia Machado, "é certo que as famílias de Cybele e Orlando terão direito à pensão alimentícia".

Fiscalização

Por determinação do ministro do Trabalho, Almir Pazzianotto, equipes de fiscais do trabalho começaram a visitar, na tarde de ontem, todos os locais de trabalho de bóias-frias em Leme, Araras, Conchal e Mogi-Guaçu. O motivo, segundo admite a secretária do Trabalho de São Paulo, Alda Marco Antônio, "é verificar as denúncias de não cumprimento de cláusulas vigentes desde o ano passado".

Segundo o presidente do Sindicato dos Trabalhadores Rurais de Araras e região, Norival Guadaghin, as principais cláusulas sociais desse acordo não estão sendo cumpridas, como o piso salarial, a fixação da data-base para as negociações, o fornecimento obrigatório e gratuito de equipamentos e meios de proteção individual (luvas, polainas e roupas especiais), barracas removíveis para fins sanitários, abrigos contra chuvas, fornecimento de água potável e recipientes higiênicos, além de segurança nos veículos de transporte dos trabalhadores. Norival Guadachin garante que as usinas Cresciumal (Leme), Santa Terninha (Mogi-Guaçu) e Santa Lúcia, Palmeiras e São João (Araras), não cumprem nenhuma dessas cláusulas.

Celso Falaschi, AE-Campinas